



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a Reunião de Cúpula Brasil-Caricom

Palácio Itamaraty, 26 de abril de 2010

Primeiro, eu queria reiterar os cumprimentos à presença de cada chefe de Estado, chefe de Governo e de todos os representantes dos países-membros da Caricom. Cumprimentar a imprensa. E dizer para vocês, os nossos embaixadores, eu acho que é sempre importante a gente enaltecer o trabalho daqueles que, no anonimato, produziram todos esses documentos que nós assinamos aqui, produziram todos os papéis que nós assinamos e que, muitas vezes, nós, chefes de Estado, chegamos em uma reunião, está tudo muito pronto para a gente fazer e, muitas vezes, a gente não agradece. Então, meus agradecimentos a todos aqueles que trabalharam para que nós pudéssemos ter essa reunião exitosa que tivemos hoje.

Em segundo lugar, dizer a todos os amigos presentes a essa reunião que hoje é um dia muito especial para mim. Especial porque quando fui, em 2005, no Suriname, participar da Caricom, eu assumi o compromisso de que nós iríamos fazer uma cúpula entre o Brasil e a Caricom. Demorou um pouco, é verdade, mas nós já participamos de outras reuniões, porque já fizemos a Comunidade Latino Americana e Caribenha, já fizemos uma reunião na Bahia, no Brasil, uma reunião no México.

Mas eu estou extremamente feliz porque eu vi, na reunião de trabalho de hoje, quanto tempo nós perdemos não nos relacionando, nas últimas décadas. De um lado, porque o Brasil olhava para os países da Caricom como se fossem países pequenos, economicamente sem importância, e que era importante ter uma relação com as grandes economias do mundo, com as grandes nações do mundo. Mas quando a gente olha a questão do comércio entre a Caricom e o Brasil, e a gente lembra que, em 2002, nós tínhamos apenas US\$ 660 milhões



no fluxo comercial entre o Brasil e a Caricom, e chegamos a 2008 com US\$ 5,2 bilhões., nós percebemos que, se nós tivéssemos começado antes, a gente poderia estar em uma situação infinitamente melhor.

O Brasil não olhava para a Caricom e vocês também não olhavam para nós. Porque o Brasil não era um país respeitado no mundo. Muitas vezes, se falavam do Brasil, as pessoas lembravam do Carnaval brasileiro ou as pessoas lembravam do futebol brasileiro. O Brasil não era levado a sério na questão política. O que mudou nesses últimos períodos é que nós nos descobrimos, é que nós poderemos ser úteis e solidários a todos os países da Caricom, e vocês podem ser úteis e solidários ao Brasil. E, ao mesmo tempo, eu tenho a convicção de que os acordos que nós assinamos hoje vão mudar, definitivamente, a história na relação entre Brasil e os companheiros dos países da Caricom. Não tenho dúvida, companheiros, de que haverá mudança substancial. Primeiro, porque o Brasil caminha com muita disposição de se transformar em uma grande nação e em uma grande potência econômica. O Brasil tem condições, e, se nós continuarmos no ritmo que estamos, o Brasil poderá chegar em 2016, 2018 a ser a quinta potência econômica mundial.

E, ao Brasil – e essa é uma visão do meu governo, e eu tenho a convicção do povo brasileiro –, a nós não interessa crescermos sozinhos. É preciso que todos cresçamos juntos. Nós poderemos fazer muito. A nossa Embrapa pode ajudar de forma extraordinária o desenvolvimento agrícola nos países da Caricom. Poderemos colaborar de forma extraordinária na questão da saúde. Poderemos colaborar de forma extraordinária na segurança alimentar, porque temos uma experiência exitosa e extraordinária na agricultura familiar. E tudo isso nós só poderemos passar para os companheiros se nós conhecermos o que cada um de nós está fazendo.

Na questão energética, nós temos condições de ajudar os países da Caricom. Temos tecnologia, temos *expertise*, portanto, nós poderemos



descobrir novas fontes de energia, trabalhando conjuntamente. Por isso que eu disse no início que estava feliz com essa reunião.

Mas, veja que importante, que nós assinamos nessa Declaração, que é uma coisa que me deixa mais feliz ainda: Na Declaração tem um parágrafo em que nós dizemos o seguinte: “Reconhecendo a importância da herança africana em suas sociedades, os chefes de Estado e de Governo decidiram incentivar a realização de estudos sobre o fenômeno da escravidão e seu impacto na formação de suas identidades nacionais, com vistas a valorizar adequadamente a participação dos afrodescendentes em suas histórias comuns”. Eu acho isso de uma riqueza incomensurável, nós colocamos em um documento, para que a gente possa, de forma muito humilde, trabalhar o significado dos afrodescendentes na história da Caricom e sobretudo na história do Brasil, que é o maior país negro do mundo, depois da Nigéria.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, eu acho que essa reunião aqui celebra coisas mais importantes do que apenas mais uma reunião. Eu agora estou importante, porque eu faço reunião do G-8, do G-13, do G-20, do G-77, do G-15, do Ibas, do Bric, da Unasul... Ou seja, o que não falta é “G” para eu participar de reunião. Mas essa reunião aqui, se for analisada do ponto de vista eminentemente econômico por um jornalista crítico, eles vão dizer, aqui no Brasil: “Por que o presidente Lula dedicou uma segunda-feira para discutir com os países da Caricom?” E eu diria: Possivelmente, se os interesses fossem só econômicos, nós não estaríamos fazendo essa reunião. Essa reunião, ela celebra algo mais importante que o dinheiro. Ela celebra a autoafirmação da soberania dos países, por menor que eles sejam. Ela celebra o fortalecimento da democracia no nosso continente. E ela celebra a extraordinária certeza de que a grandeza de um país não está apenas no tamanho do seu território ou na quantidade da sua população, está na grandeza dos seus dirigentes, está nos gestos do seu povo.

E eu tenho certeza – depois de conhecer vários de vocês – que o menor



país que participa da Caricom, o menor, o que tem 50 mil habitantes, o que tem 90 mil habitantes, tem o mesmo direito que tem o maior país do mundo em população, que é a China, ou o maior país economicamente falando, que são os Estados Unidos. Afinal de contas, o que nós queremos é garantir a nossa soberania e nós queremos garantir a autodeterminação dos nossos povos.

Essa reunião tem esse significado. Possivelmente, há 15 anos ninguém acreditaria se nós falássemos em uma reunião como esta, ninguém acreditaria. E hoje, ela não só se realizou como eu participei do ato de maior assinatura de quantidade de acordos que eu já participei em oito anos de governo.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, chefes de Governo, chefes de Estado, embaixadores, ministros, do coração, os meus agradecimentos à presença de vocês aqui, hoje. Com essa declaração, eu quero cumprimentar o nosso companheiro Roosevelt, da Dominica, e dizer que fiquei lisonjeado com as suas palavras. E dizer para ele que mesmo eu não estando mais na Presidência, fique tranquilo que eu vou continuar fazendo política. Podem ficar tranquilos que eu vou continuar fazendo política porque eu nasci político e vou morrer político. Não vou (incompreensível).

Muito obrigado e está encerrada a nossa Cúpula.

Aguardo vocês, todos [em traje] esporte, para a gente jantar.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
